

“A MINHA MORADA É ONDE EU ME SINTO BEM”: TECENDO DIÁLOGOS E (RE)EXISTÊNCIAS ENTRE AS/OS PROFESSORAS/ES DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA PATAXÓ MUÃ MIMATXI E DA ESCOLA MUNICIPAL DE BENTO RODRIGUES

“MY HOME IS WHERE I FEEL GOOD”: WEAVING DIALOGUES AND (RE)EXISTENCES BETWEEN THE TEACHERS OF THE INDIGENOUS STATE SCHOOL PATAXÓ MUÃ MIMATXI AND THE MUNICIPAL SCHOOL OF BENTO RODRIGUES

Áquila Bruno Miranda¹
Leliane Amorim Faustino²
Verônica Mendes Pereira³

RESUMO

O presente artigo busca refletir sobre as diásporas e confluências da escola Municipal de Bento Rodrigues (Mariana-MG) e da Escola Estadual Indígena de Muã Mimatxi (Itapecirica-MG), considerando os Tehêys de Pescaria do Conhecimento, produzidos por Dona Liça Pataxoop, como instrumentos pedagógicos para a construção de (re)existências a colonialidade. Apresentamos reflexões a partir do curso de extensão realizado pela Universidade Federal de Ouro Preto e a Universidade Federal de Minas Gerais, em 2022. Essa proposta justifica-se pela urgência de ações comprometidas com a desconstrução de narrativas colonizadoras acerca dos povos indígenas. Utilizamos como método o relato de experiências pautadas em reflexões críticas das vivências compartilhadas no curso de extensão. Dialogamos com as intelectuais negras Sueli Carneiro, Maria Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez, a pesquisadora israelita Ella Shohat, o mestre quilombola Nego Bispo e o sociólogo afro-britânico Paul Gilroy. Como resultado, temos que as trajetórias das duas comunidades, entrecruzam-se no âmbito da diáspora. Os Tehêys de Pescaria do Conhecimento são uma forma contra hegemônica de narrar, através da agência de Dona Liça Pataxoop, a história do seu povo. Destacamos também que as trocas, são impulsionadoras para que a população de Bento Rodrigues também seja gestora de sua própria história.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Diáspora. Conflitos socioambientais.

1 Discente de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGPSI/UFMG). Mestra em Educação pela UFMG. Graduada em Psicologia pela UFMG, com período Sanduíche na Università de Bologna-Itália. Professora colaboradora da Pós-Graduação em Psicodrama pelo Instituto Mineiro de Psicodrama (IMPSI). E-mail: aquilabruno@gmail.com

2 Discente de doutorado no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (PPGHIS/Ufop). Mestra e graduada em História licenciatura e bacharelado pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). E-mail: leliane.faustino@aluno.ufop.edu.br

³ Pós-doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade de Bolonha. Doutora e mestra em Educação pela UFMG. Graduada em Pedagogia pela UFMG. Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). E-mail: veronica.pereira@ufop.edu.br

ABSTRACT

This article seeks to reflect on the diasporas and confluences of the Municipal School of Bento Rodrigues (Mariana-MG) and the Indigenous State School of Muã Mimatxi (Itapeçirica-MG), considering the Tehêys de Pescaria do Conhecimento, produced by Dona Liça Pataxoop, as pedagogical instruments for the construction of (re)existences to coloniality. We present reflections from the extension course held by the Federal University of Ouro Preto and the Federal University of Minas Gerais, in 2022. This proposal is justified by the urgency of actions committed to the deconstruction of colonizing narratives about indigenous peoples. We used as a method the reporting of experiences based on critical reflections of the experiences shared in the extension course. We dialogued with black intellectuals Sueli Carneiro, Maria Beatriz Nascimento and Lélia Gonzalez, Israeli researcher Ella Shohat, quilombola master Nego Bispo and Afro-British sociologist Paul Gilroy. As a result, the trajectories of the two communities intertwine within the diaspora. The Tehêys de Pescaria do Conhecimento are a counter-hegemonic way of narrating, through the agency of Dona Liça Pataxoop, the history of her people. We also highlight that the exchanges are driving forces for the population of Bento Rodrigues to also be managers of their own history.

KEYWORDS: Education. Diaspora. Socioenvironmental conflicts.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as diásporas e confluências vivenciadas pelas escolas Municipal de Bento Rodrigues (Mariana-MG) e a Escola Estadual Indígena de Muã Mimatxi (Itapeçirica-MG), considerando os Tehêys de Pescaria do Conhecimento, produzidos por Dona Liça Pataxoop, como instrumentos pedagógicos para a construção de (re)existências as violências direcionadas às populações subalternizadas e seus territórios. As reflexões aqui apresentadas fundamentam-se nas vivências e interpelações construídas nos três encontros do curso de extensão, realizado pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no segundo semestre de 2022, cujo objetivo foi discutir as contribuições dos saberes da etnia Pataxoop para elaboração de resistências às violências produzidas pela colonialidade, sobretudo aquelas direcionadas à comunidade de Bento Rodrigues.

De acordo com Wanderly (2015) no dia 5 novembro de 2015, esta comunidade, composta por 84% da população autodeclarada negra, segundo definição do IBGE, no Censo 2010, foi fortemente impactada pela lama de rejeitos oriunda do rompimento da barragem da mineradora Samarco S.A. Esse desastre-crime resultou em 19 mortes e levou ao deslocamento forçado das/os moradoras/es do povoado, que atualmente, aguardam na área urbana de Mariana (MG) e outras localidades o reassentamento para o “Novo Bento”. O rompimento da barragem é resultado da violência material e simbólica provocadas pelo racismo ambiental que, conforme Dulce Pereira (2021), pode ser entendido como a materialização do racismo estrutural, no qual as comunidades

e seus sujeitos são vulnerabilizadas, deslocadas e expulsas dos seus territórios, desencadeando violências institucionais, psicossociais, de gênero e racial.

As/os professoras/es da Escola Estadual Indígena da Aldeia Muã Mimatxi também tiveram suas histórias e de seus antepassados marcadas por diversos episódios de violência. Após a invasão do território de Abya Yala⁴ a população indígena teve o seu território ocupado e a sua cultura distorcida pela colonialidade do saber, do ser e do poder. Ao mesmo tempo, inúmeros movimentos de (re)existências buscaram construir práticas e intervenções de caráter emancipatório, reivindicativo e afirmativo.

Destacamos aqui o deslocamento forçado vivido pelo povo Pataxoop, causado pelo “fogo de 51”⁵, em 1951, no território de Barra Velha (Bahia), e pelas tensões resultantes do processo de demarcação territorial em 1980⁶. Conforme aponta Mara Vanessa Dutra (2012), esses dois episódios resultaram na dispersão dessa etnia para o sul da Bahia, para Minas Gerais e para São Paulo. Em decorrência desse processo, em 1984 a liderança indígena Kanatyto Pataxoop, sua esposa dona Liça Pataxoop e a sua família foram para Minas Gerais, inicialmente para a Terra Indígena Fazenda Guarani, localizada no município de Carmésia (MG) e, em seguida, para Itapecerica (centro oeste mineiro), onde foi criada a nova aldeia de Muã Mimatxi. Na canção “Terra do Leste” Kanatyto compartilha a sua experiência diaspórica da seguinte forma: “Eu venho de uma terra lá do Leste Cruzei montanhas e serras para chegar no centro-oeste. Bati de frente com muitas lutas, mas não me dei por vencido, busquei o grande sentido da vida, no tempo vivido” (DUTRA, 2012, p. 39).

É neste contexto, de lutas e resistências, que foi criada a Escola Estadual Indígena da Aldeia Muã Mimatxi. Uma escola que se organiza por meio de metodologias de ensino orientadas pela perspectiva “Com o Pé no Chão da Aldeia” e “Com o Pé no Chão do Mundo”. E, de acordo com Siwe Pataxoop (2021) é por meio dessa posição educativa, que as/os professoras/es, lideranças indígenas e comunidade buscam construir espaços de diálogo intercultural, no qual é valorizado a

⁴ Segundo Carlos Walter Porto-Gonçalves (2021), na língua do povo Kuna, que habita a costa caribenha do Panamá, Abya Yala significa “Terra madura”, expressão que se coloca em oposição à expressão América. Nesse texto, assumimos o compromisso ético político de (re)existir as nomeações coloniais que marcam os territórios e as línguas dos povos que habitam o sul global. Desse modo, ao utilizarmos o termo Abya Yala, buscamos tecer uma escrita que vai ao encontro das interpelações levantadas pelos povos originários contra as designações generalizantes produzidas pelos invasores europeus.

⁵ O massacre que ocorreu no ano de 1951 na Terra Indígena Pataxoop, em Barra Velha (Bahia), foi nomeado o “fogo de 51”. Esse violento episódio levou o massacre de dezenas de indígenas pelas forças conjugadas da polícia e do exército e produziu marcas profundas na vida do povo pataxó. Segundo Dutra (2012) o “fogo de 51” provocou a maior diáspora Pataxoop.

⁶ Em 1980 ocorreu um acordo entre a Funai e a Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) que gerou a demarcação fraudulenta das terras do povo Pataxoop em Barra Velha (Bahia). Sendo que a terra demarcada deixou de fora espaços fundamentais para a cultura e a sobrevivência do povo Pataxoop: a mata, o mangue e o Monte Pascoal.

partilha de experiências entre os povos indígenas e a natureza e entre os povos indígenas e outros povos. Além disso, os ensinamentos compartilhados através do Tehêy de Pescaria do Conhecimento, do Calendário dos tempos, dos jogos pedagógicos interculturais e da musicalidade, reafirmam a tradição cultural, a natureza e a terra como as/os principais professoras/es de vida.

A concepção pedagógica, que orienta o Tehêy de Pescaria do Conhecimento, elaborado pela professora indígena Dona Liça Pataxoop, tem como base os ensinamentos advindos da Mãe Terra:

De acordo com D. Liça (2022),

O meu Tehêy que é uma pedagogia, que a gente aprende e ensina aqui em Muã Mimatxi. E como eu sempre falo, pra quem não me conhece: o meu estudo e o meu ensino vem da terra. É um Tehêy que está escrito o meu conhecimento, o conhecimento do meu povo, o conhecimento da minha cultura, o conhecimento da mãe Terra e da irmã natureza!

Iniciamos a apresentação dos Tehêys de Pescaria do Conhecimento pela definição que sua criadora, a professora Dona Liça Pataxoop, nos ofereceu no primeiro encontro do curso, cujo título foi “Rodas, prosas e histórias: As lutas e (re) existências do povo Pataxoop na Aldeia Indígena de Muã Mimatxi diálogos com a Escola Municipal Bento Rodrigues”. Através da fala da professora, nos fica evidenciado que os Tehêys são uma prática pedagógica original, uma metodologia de ensino legítima e eficaz, elaborada na aldeia de Muã Mimatxi, onde se cria, por meio da oralidade e das imagens, um canal de aprendizado entre Dona Liça, a comunidade e a natureza, nesta tríade que conflui em um sistema rico e harmônico de conhecimento mútuo.

Nesse sentido, compreendemos que os Tehêys de Pescaria do Conhecimento são formas possíveis de letramento, elaborados de uma maneira que se difere das práticas tidas como tradicionais de aprendizagem, configurando-se, assim, como um método autêntico e legítimo de ensino que parte de uma fundamentação teórico-metodológica própria, cujo centro de ação concentra-se nos conhecimentos transmitidos pela professora Dona Liça Pataxoop e a comunidade de Muã Mimatxi.

Assim, os Tehêys transcendem a dimensão da escrita tradicional, traduzindo os valores simbólicos das imagens e da oralidade, as quais são carregadas de representações e sentidos múltiplos que correspondem aos universos narrados e transmitidos pela educadora em uma forma de leitura.

Segundo pesquisa desenvolvida por Werymehe Pataxoop (2019, p. 8): “esse conhecimento das imagens passa para a escrita também, porque ele é um material que te proporciona vários tipos

de produção, vários tipos de escritas no Tehê a gente encontra a música, a brincadeira, as histórias, a ciência do nosso povo, encontramos vários trabalhos para desenvolver”.

Através das definições trazidas pelas autoras supracitadas, nos fica evidenciado as várias formas de assimilação de conteúdo educativo que podem ser apreendidas em um único Tehê, resultantes, por sua vez, da confluência entre prática de ensino, literatura e escrita, em diálogo com a natureza e a comunidade. Dessa forma, os Tehêys são narrativas que trazem a perspectiva e os valores de Muã Mimatxi enquanto comunidade, e sua relação com o meio, deslocada para o ambiente escolar, onde a professora Dona Liça, torna-se a interlocutora destes ensinamentos. Esta concepção de educação está em estreita consonância com as recomendações colocadas pelo Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998, p.22), onde se lê:

Desde muito antes da introdução da escola, os povos indígenas vêm elaborando, ao longo de sua história, complexos sistemas de pensamento e modos próprios de produzir, armazenar, expressar, transmitir, avaliar e reelaborar seus conhecimentos e suas concepções sobre o mundo, o homem e o sobrenatural. O resultado são valores, concepções e conhecimentos científicos e filosóficos próprios, elaborados em condições únicas e formulados a partir de pesquisa e reflexões originais. Observar, experimentar, estabelecer relações de causalidade, formular princípios, definir métodos adequados, são alguns dos mecanismos que possibilitaram a esses povos a produção de ricos acervos de informação e reflexões sobre a Natureza, sobre a vida social e sobre os mistérios da existência humana. Desenvolveram uma atitude de investigação científica, procurando estabelecer um ordenamento do mundo natural que serve para classificar os diversos elementos. Esse fundamento implica necessariamente pensar a escola a partir das concepções indígenas do mundo e do homem e das formas de organização social, política, cultural, econômica e religiosa desses povos.

Ainda de acordo com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998) alguns dos estereótipos mais comuns relacionados aos povos indígenas, e que precisam ser trabalhados nas escolas, são o desconhecimento e a negação da grande diversidade sociocultural e linguística desses povos. Isto impede que se admita e se reconheça a existência de ciências, pedagogias, teorias sociais, arte e religião próprias.

Nessa perspectiva, o trabalho com os Tehêys de Pescaria do Conhecimento é um convite para uma formação intercultural que considere saberes indígenas para a construção de novas relações educativas com a natureza e modos de sociabilidades.

Sendo assim, salientamos que os Tehêys de Pescaria do Conhecimento são instrumentos poderosos para desconstruir narrativas colonizadoras e lógicas tutelares a respeito dos povos indígenas, que partem do viés educativo para que tal ação ocorra de forma efetiva. Ressaltamos a importância desta prática de ensino que fortalece e garante o direito de representação e construção de narrativas que partam da agência dos povos originários sobre si, evidenciando e valorizando suas cosmovisões, que propõem uma não desassociação entre sociedade, ensino e natureza. Da

mesma forma, acreditamos que os Tehêys são exemplos reais de como as sociedades indígenas são auto gestoras e preservam as tradições já existentes, assim como criam novas.

O encontro com a literatura da terra, produzida por mulheres indígenas, é um imperativo urgente para abolir estereótipos ainda muito presentes em relação ao entendimento da população brasileira sobre os povos indígenas que precisam, insistentemente, lutar para serem reconhecidos, terem as suas histórias, as suas culturas e as suas terras preservadas. Imperativo garantido pela Lei 11.645/2008, que institui o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena e representa um importante instrumento para a inserção dessas temáticas nas escolas brasileiras, com vistas a contribuir para a desconstrução de noções equivocadas sobre os povos indígenas, valorizando a multietnicidade e a pluralidade cultural como patrimônio dos Povos Indígenas e da sociedade brasileira.

Embora existam inúmeras diferenças entre os processos diaspóricos, vivenciados pelas pessoas de Bento Rodrigues e de Muã Mimatxi, entendemos que os diversos atravessamentos entre as duas comunidades, representados neste projeto pelas duas escolas em questão, possuem um ponto de interseção, à medida que foram grupos que sofreram processos diaspóricos forçados dentro de seus territórios de origem, mediante o abandono do Estado, somado aos crimes socioambientais, aos quais foram constantemente submetidos. Desse modo, acionamos a metodologia dos Tehêys como ponte para a construção de diálogos interculturais e a partilha de experiências entre as duas escolas, sob a condução da professora D. Liça Pataxoop, tendo em vista a construção de parcerias e possibilidades de projetos futuros, se considerarmos a história e o emergente reassentamento da comunidade de Bento Rodrigues e a história e o “reassentamento” dos Pataxoop de Muã Mimatxi.

Nosso curso foi organizado em três encontros formativos, no formato remoto, orientados pelas falas da professora D. Liça Pataxoop, do professor Saniwe Pataxoop e da professora Eliene de Oliveira. Para além da equipe organizadora do curso, o público-alvo foram professoras/es da Escola Municipal de Bento Rodrigues; estudantes da graduação, pós-graduação e docentes e pesquisadores da Universidade Federal de Ouro Preto e Universidade Federal de Minas Gerais.

Com a finalidade de compreender e analisar os mecanismos de resistências, formulados durante os processos diaspóricos, buscamos neste trabalho mobilizar reflexões e diálogos entre as intelectuais negras latino-americanas Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez, a pesquisadora israelita Ella Shohat, o mestre quilombola Nego Bispo e o sociólogo afro-britânico Paul Gilroy. Tais autoras/es, apesar de partirem de áreas distintas do conhecimento, têm em comum o objetivo de descentralizar o grupo hegemônico como self normativo, devolvendo o poder de narrativa que outrora foi impossibilitado às populações subalternizadas.

É com a contribuição dessas autoras/es que organizamos o artigo em duas seções, onde discutiremos a diáspora e a re(existência) negra e indígena e os Tehêys de Pescaria do conhecimento como elemento de aproximação entre as pessoas das duas comunidades aqui apresentadas, as da Escola Municipal de Bento Rodrigues e as da Escola Estadual Indígena de Muã Mimatxi.

2 DIÁSPORAS E (RE) EXISTÊNCIAS DAS POPULAÇÕES NEGRAS E INDÍGENAS: REDESENHANDO CARTOGRAFIAS

Inicialmente, é importante entender como o polo branco colonizador constrói e propaga imagens sobre os grupos subalternizados, que correspondem a deturpações da realidade sobre aqueles e aquelas que são colocados no lugar do outro social. De acordo com Carneiro (2005) o grupo hegemônico suprime todas as características que não se equivalem, ou que não condizem com os parâmetros estipulados como normativos, que representam um espelho de si, ou seja, o grupo dominante toma as noções de razão e beleza, as quais estão passíveis de existência somente nos espaços ocupados ou aceitos por eles, ao mesmo tempo em que afastam toda uma gama de sujeitos que não serão assimilados.

Desta forma, as produções culturais e científicas daqueles/as que são relegados à categoria do Outro estão sujeitadas à ação do epistemicídio, que, de acordo com Carneiro (2005), trata-se da aniquilação da intelectualidade de pessoas negras. Ainda que o recorte de estudo de Carneiro seja a população negra brasileira, entendemos que sobre os povos originários também recai, com letalidade, esta ação, através do processo violento de assassinato de suas capacidades mentais, a medida que suas formas de criação e transmissão de conhecimentos são tidas como insuficientes, menores e primitivas.

Em diálogo com Carneiro, Shohat (2002) afirma as representações equivocadas que o ocidente cria sobre o oriente, através de figuras caricatas, congeladas em imagens fixas, que pouco condizem com a realidade da extensa e plural população que é generalizada pelo termo ‘oriente’. A autora aponta para a representação simbólica do oriente, a qual é deturpada e condicionada aos interesses de consumo do ocidente. Estas imagens são reproduzidas e replicadas na cultura, pelos diversos meios de comunicação, pela literatura e até mesmo em divulgações científicas e, segundo Bhabha (1998), por meio de uma repetição cíclica, são fixadas no imaginário comum.

Nesse sentido, como estratégia de contra hegemonia, Shohat ressalta a importância e a força motora com que os grupos subalternizados redesenharam suas próprias cartografias, na possibilidade de narrarem seus deslocamentos. Embora a autora ressalte, por exemplo, que a ‘africanidade’ dos povos não deve ser removida, é crítica ao fenômeno de hifenização. Para ela,

“cada cadeia de hifens implica uma história complicada de identidades aglomeradas e pertencimentos fragmentados, enquanto deslocamentos múltiplos geram destilações diferentes da identidade imigrante” (SHOHAT, 2002, p. 107), onde grupos sociais não brancos passam por uma espécie de alteração semântico-lexical que explica, ou dá sentido às suas identidades diaspóricas para o grupo hegemônico, que necessita condensar o não semelhante em categorias frágeis de análise, nas quais as demarcações étnicas, raciais e geográficas precisam ser evidenciadas também no âmbito linguístico, à medida que, ainda que ocupem o mesmo território, os grupos subalternizados não são cidadãos/ãs plenos.

Para Gonzalez (1988), a diáspora trouxe novas configurações de pertencimento e de resistência através do Atlântico que quebram com a estratégia de dominação e poder, na qual o colonizador restringe, para si e para o seu território, o perímetro geográfico que engloba o que definem como América. A autora, ao levar em consideração que o continente americano é vasto e já era ocupado pelos habitantes originais, bem como o contingente exponencial de pessoas africanas capturadas durante o processo de escravização, afirma que seus marcadores identitários são essenciais para a concepção do termo América de forma que abarque a verdadeira extensão do território, bem como de sua população. Ainda segundo Gonzalez (1988, p.77, grifos da autora):

Seu valor metodológico, a meu ver, está no fato de permitir a possibilidade de resgatar uma *unidade específica*, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo. Portanto, a *América*, enquanto sistema etnogeográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo *amefricanas/25mericanos* designa toda uma descendência: não só a dos africanos trazidos pelo tráfico negreiro, *como a daqueles que chegaram à AMÉRICA muito antes de Colombo. Ontem como hoje, 25mericanos oriundos dos mais diferentes países têm desempenhado um papel crucial na elaboração dessa Amefricanidade que identifica, na Diáspora, uma experiência histórica comum que exige ser devidamente conhecida e cuidadosamente pesquisada. Embora pertencamos a diferentes sociedades do continente, sabemos que o sistema de dominação é o mesmo modelo ariano de explicação, cuja presença é uma constante em todos os níveis de pensamento, assim como parte e parcela das mais diferentes instituições dessas sociedades.*

Por sua vez, Paul Gilroy (2001) evidencia que os navios negreiros possuíam uma carga simbólica para além de seu sentido usual. O autor aponta a nova aquisição conotativa durante a *Middle Passage* — termo popular na historiografia de língua inglesa, que designa o momento mais árduo da travessia no Atlântico — onde os navios, carregavam a violência do sequestro, mas, também, transportavam mecanismos chave para a sobrevivência, aliança e possível retorno de pessoas uma vez escravizadas, através de trocas no âmbito político e cultural. Gilroy relata que inúmeros intelectuais negros perceberam, a partir de uma vasta produção de saberes, as heranças

da cultura ilustrada ocidental, que de modo cartesiano divide e estrutura, com bases no poder branco hegemônico, os grupos sociais e, dessa forma, estes intelectuais negros buscaram se libertar dos paradigmas desta cultura, ocidental e colonialista, reivindicando saberes próprios e legítimos.

A marca registrada essencial do inclusivismo cultural, que também fornece o fundamento para a sua popularidade, é um sentido absoluto de diferença étnica. Esse sentido é maximizado de forma a distinguir as pessoas entre si e, ao mesmo tempo, assumir uma prioridade incontestável sobre todas as outras dimensões de sua experiência social e histórica, culturas e identidades. (GILROY, 2001, p. 36)

Maria Beatriz Nascimento (2018) contribui com nossas reflexões na medida em que aponta a necessidade de se voltar para perspectivas teórico-metodológicas que não pactuem com o acordo hegemônico ocidental que condiciona a história de povos não brancos à locais fixos, subalternizados e estereotipados, que funcionam como apêndices de uma história estrategicamente difundida como geral, mas que em planos efetivos diz apenas sobre o polo branco dominador. É importante ressaltar que a historiadora corroborou para a fundamentação e a validação de bases epistêmicas na formulação e escrita da historiografia brasileira, centralizando a produção de conhecimento e a figuração na narrativa histórica, pautadas nos saberes da população negra.

3 TEHÊY DE PESCARIA DO CONHECIMENTO DE DONA LIÇA PATAXOOP ENQUANTO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO PARA A CONSTRUÇÃO DE CONFLUÊNCIAS ENTRE A ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA DE MUÃ MIMATXI E A ESCOLA MUNICIPAL DE BENTO RODRIGUES

Ao analisar as experiências que vivenciamos ao longo do curso, podemos perceber, sobretudo após o contato com D. Liça e a sabedoria dos Tehêys, que as articulações entre ensino, comunidade e o bem viver são caminhos que se fazem de modo natural, possíveis e urgentes para o enfrentamento das desigualdades sociais e a cura da terra.

Considerando o encontro entre as narrativas compartilhadas por dona Liça Pataxoop, por meio da sabedoria dos Tehêys de Pescaria do Conhecimento, e as falas de Eliene de Oliveira percebemos a potência das confluências entre grupos que compartilham as mesmas cosmovisões. Segundo Nego Bispo dos Santos (2020), os movimentos confluentes mobilizam uma quebra da noção colonialista de coincidência, aquela que parte de uma motivação desconhecida, estranha e sem controle, para afirmar que todos os encontros partem de uma ação natural, que, contudo, pode ser explicada, é visível, palpável e materializada.

Bispo entende que as concepções lineares, enquadradas em parâmetros cartesianos e binários, são oriundas do pensamento cristão moderno, um dos motes para a colonização, que foi difundido e permanece no pensamento hegemônico e em suas formas de organização político-social. O autor nos chama a atenção para as inúmeras sociabilidades que comunidades não hegemônicas criaram e recriaram para viver e sobreviver. Estas formas de habitar a Terra são distintas e apresentam outro entendimento sobre como lidar com a comunidade e a natureza que escapam do predatismo das demandas do capitalismo.

Ao longo dos diálogos entre as duas escolas escutamos as dores causadas pelos violentos processos diaspóricos, bem como o impacto desse deslocamento para as memórias e histórias das comunidades e da relação de cuidado com a terra. Segundo Dona Liça e Eliene, respectivamente:

(...) nossa terra quando nós chegou aqui, ela era só lixo através do branco né?... a terra tava toda desidratada, toda anêmica, que a terra é igual nós... tem gente que fala assim cê é baiana? Cê é lá da Bahia? Eu falo assim, não, não sou, sou indígena, eu não sou baiana, não sou mineira, eu sou indígena. Então, mais por essa forma aí nós também chegou numa terra que já tinha passado o homem branco né?... E aí a gente viu que ela tava um pouco bem fraca, um pouco não muito, o que tinha muito era lixo, pneu (...) (PATAXOOP, 2022, p.10).

(...) como que o nosso processo ele tá difícil, no sentido de que veio pra Mariana, era um distrito, um subdistrito de Mariana que foi atingido pelo rompimento da barragem, aí ele foi totalmente destruído e não tinha mais como conviver naquele lugar, então as famílias vieram morar em Mariana, né? Então saiu de um habitat onde a caracterização era toda de zona rural pra vim morar na cidade(...) Tudo precisa ter um sentido, como que a gente vai recomeçar, se aquilo que está sendo entregue não tem nenhum sentido pra gente né, não foi considerada nossa história, a nossa cultura, a nossa forma de viver, então assim, aí eu já fiquei mais preocupada ainda, porque eu to assim, gente, como que isso tudo é importante para essas famílias e nada disso tá sendo levado em consideração (...) (PATAXOOP, 2022, p.11-12).

Apesar das marcas produzidas pelo processo de colonização, que se atualizam no racismo cotidiano, Antônio Bispo (2015) afirma que no cenário de pós-abolição e pós-colonização, os grupos que foram subalternizados, no contexto brasileiro, a saber, os povos originários, comunidades quilombolas e uma extensa gama populacional que passou pelo processo de gentrificação e higienização urbana e foram condicionados a viver nas favelas, elaboraram mecanismos dinâmicos de ensino aprendizagem, no interior de suas respectivas comunidades, apresentando métodos que conciliam as práticas pedagógicas com o cotidiano de seus espaços de vivência, uma vez que estes grupos sofrem constantemente com o descaso do Estado, suas ações de necropolítica (MBEMBE, 2018) e violações de direito civil.

Durante o encontro entre as duas escolas, o Tehêy, como ferramenta de resistência, mostrou-se um instrumento dinâmico para a construção de confluências e para romper com as estratégias de dominação. A colonialidade cria imagens estereotipadas sobre os três espaços (aldeia,

quilombo e favela), em uma estratégia de poder e dominação a fim de impedir a confluência entre estas populações, ou seja, a potência das trocas que podem ser estabelecidas por povos que possuem cosmovisões em comum e que foram separadas, ou segregadas em localidades distintas pelo grupo hegemônico. E, nesse sentido, Antônio Bispo aponta a importância e convida para que estas comunidades se visitem, se articulem e se protejam mutuamente.

Diante do desafio de retornar para um território esvaziado de sentidos, de histórias e também marcado pela tentativa de apagamento da mãe Terra, os ensinamentos do Tehêy, conforme XX e XX (2022, p. 4) “subvertem o silenciamento produzido pela colonialidade, fazendo da escrita do Tehêy um ato para registrar e reescrever histórias, cenas, e os sons pensados pela/com a margem”. Essa proposta pedagógica de Muã Mimatxi, convoca as comunidades subalternizadas pela exploração predatória da terra a construir outras temporalidades, cantos e encontros para aprender com a terra, pois, conforme aponta o professor indígena Saniwê Pataxoop (2022, p. 5) “ela nos ensina a cuidar, a ajudar, ser coletivo e conhecer os valores para a vida, essa é a mensagem que o Tehêy traz para nós Pataxoop de que temos que ter o olhar afinado para viver lado a lado com a terra”. Ao finalizar o curso, Eliene Almeida e Dona Liça Pataxoop e apresentam a seguinte reflexão:

Só de te ouvir eu já tô aprendendo tanto. Na sua fala ai de ver um novo sentido, né, para esse espaço... Eu acho assim, hoje como a gente ainda não habita lá, a gente não tá morando lá ainda, eu não vejo isso, mas indo para lá com esse coração aberto, igual a senhora veio pra Minas (...). É, tudo que tava em Mariana, no seu território lá vai voltar pra lá porque foi assim que Muã Mimatxi(...) Nós vamos recuperar nosso modo de vida, né! Que delícia te ouvir! Pode ter certeza que contribuiu muito, porque assim, Bento vai voltar a ser. Nós vamos recuperar o nosso modo de vida a partir do momento que a gente chegar lá de coração aberto e falar assim: esse é o meu território agora, ele precisa ficar do jeito que eu gosto, do jeito que me faz bem e aí recuperar esses modos de vida, apesar de tudo que aconteceu, recuperar de verdade para ir em busca dessa felicidade. Então, eu estou muito feliz com esse projeto, com essa sua experiência. Pode ter certeza que essa sua fala e a sua experiência já valeu demais pra mim, viu? (PATAXOOP, 2022, p.12-13).

(.) Deixa eu mostrar esse Tehêy aqui. Ele tá no livro. Quando nós chegou! Olha a nossa escola, a nossa aldeia. As crianças, foi quando nós chegou! Esse Tehêy aqui é: “Feliz com a construção de Muã Mimatxi”. Hoje, hoje tá assim (e mostra outro Tehêy, mais cheio com mais cores). Né? Tá diferente! Tem o nosso Posto de Saúde, a nossa escola. Batalhei nas reuniões...Tem as moradias, hoje tá tudo assim. Yãmixoop voltou, então eu tô feliz! Ela era assim, agora, tá assim! O nome dele, é: “A minha morada é onde eu me sinto bem”. (PATAXOOP, 2022, p.13).

Em diálogo com o que nos foi ensinado durante a trajetória do curso, é possível ilustrar as passagens de Antonio Bispo quando, assim como nos ensina D. Liça Pataxoop, os saberes são construídos no interior das aldeias, assentamentos, bairros e do quilombo, o cotidiano, as ações realizadas em comunidade, são espaços criativos e pedagógicos, onde há uma estrutura de ensino que ocorre de maneira orgânica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão aqui apresentada teve o intuito de demonstrar uma experiência vivida a partir do diálogo entre pessoas situadas em duas escolas, cujas histórias se entrelaçam pelo processo diaspórico, comum às suas comunidades. Os Tehêys de Pescaria do conhecimento, instrumento pedagógico desenvolvido e utilizado por Dona Liça Pataxoop, foi o eixo norteador desse encontro/diálogo.

A experiência dos Tehêys do Conhecimento, compartilhada no curso aqui descrito, demonstra a riqueza de possibilidades a partir das quais as escolas podem se organizar, no sentido de trazer à tona as suas experiências específicas e, nesse sentido, fortalecer as culturas locais, através de saberes-fazeres característicos de cada um dos grupamentos humanos, fortalecendo e impulsionando a produção de sujeitos produtores de (re)existências.

Como conclusão, podemos aferir que a partir de experiências distintas, mas que se entrecruzam no âmbito da diáspora, as populações de Bento Rodrigues e de Muã Mimaixi desenvolveram tecnologias de resistência diante dos diversos enfrentamentos passados, e destacamos que os Tehêys de Pescaria do Conhecimento são uma forma contra hegemônica de narrar e centralizar, através da agência de Dona Liça Pataxoop, a história da população de Muã Mimatxi. Apontamos também que as trocas sensíveis, decorrentes do encontro entre a professora Dona Liça Pataxoop e a diretora da Escola Municipal de Bento Rodrigues Eliene Oliveira, são impulsionadoras para que a população de Bento Rodrigues também seja gestora de sua própria história.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de Doutorado. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação da USP, 2005.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Abya Yala. Publicações Prolam, 09 de set. de 2021. Disponível em: <https://sites.usp.br/prolam/abya-yala/> Acesso em: 20 de jul. de 2023

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, N°. 92/93 (jan./jun.). 1988b, p. 69-82.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu, Tradução: Daniel Almeida e Willian Oliveira. - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. **Revista Arte & Ensaios**. Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ. Traduzido por: Renata Santini. 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual**: Possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

PATAXOOP, Siwe. **As matrizes formadoras do currículo na Escola Indígena Pataxó Muã Mimatxi**. 2022. 87f., Dissertação (mestrado)- Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

PEREIRA, Dulce. **Racismo ambiental**: uma das materializações do racismo estrutural. Congresso em Foco, 2021. Disponível em: <<https://congressoemfoco.uol.com.br/blogs-e-opiniao/colunistas/2-racismo-ambiental-uma-das-materializacoes-do-racismo-estrutural/>>. Acesso em: 15 de mar. de 2023.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. Brasília: Governo Federal, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo. **Confluências**. YouTube, 28 de jun de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fi-4T8tdYDY&t=6s>>. Acesso em: 15 de mar de 2023.

SHOHAT, Ella. A vinda para a América: reflexões sobre perda de cabelos e de memória. In: **Estudos Feministas**, 2001.

VEAS, Maria Regina Lins Brandão. **Histórias Indígenas e Suas Potencialidades Para a Educação Intercultural**: um estudo na aldeia Muã Mimatxi. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação e Formação Humana). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

WANDERLEY, Luiz Jardim. **Indícios de Racismo Ambiental na tragédia de Mariana: resultados preliminares e nota técnica**. Acervo Combate ao racismo ambiental, 2015. Disponível em: <<https://acervo.racismoambiental.net.br/2015/11/20/indicios-de-racismo-ambiental-na-tragedia-de-mariana-resultados-preliminares-e-nota-tecnica/>>. Acesso em: 15 de mar. de 2023.

Enviado em: 30/03/2023

Aceito em: 04/09/2023